



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



O RACISMO COMO PRODUTOR DE INIQUIDADES E DETERMINANTE SOCIAL DE SAÚDE.

Ionara Magalhães de Souza
UFRB

RESUMO

O artigo registra as conferências do congresso internacional de inovação tecnológica nas ciências da saúde: a sustentabilidade das práticas integrativas a agroecologia, mais especificamente a conferência *O Racismo Como Produtor De Iniquidades e Determinante Social De Saúde*. A conferência apontou as comparações entre o Black português, White Portuguese e o Afrodescendente brasileiro. O evento aconteceu de 15 a 18 de novembro de 2017 no IFBA SAJ sob a direção da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Palavras-chave: Resistência. Resiliência. Racismo. Práticas Médicas. PNSIPN

ABSTRACT

The article records the conferences of the international congress on technological innovation in health sciences: the sustainability of integrative practices in agroecology, more specifically the conference *The Racism as a Producer of Iniquities and the Social Determinant of Health*. The conference pointed to comparisons between the Portuguese Black, White Portuguese and the Brazilian Afro descendant. The event took place from November 15 to 18, 2017 at IFBA SAJ under the direction of the Federal University of Recôncavo da Bahia.

Keywords: Resistance. Resilience. Racism. Medical practices. PNSIPN



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Conferência:

No Brasil, o racismo responde pelos diferenciais no acesso a bens, serviços de saúde e é reconhecido pelo Ministério da Saúde determinante social de saúde. Os dados estatísticos de condições de vida e existência evidenciam contrastes entre brancos e negros. Com efeito, há diferenciais notáveis na forma de nascer, viver e morrer entre esses grupos populacionais. Analogamente, o racismo pode ser representado como a Hidra de Lerna, uma figura mitológica forte, monstruosa e destruidora, dotada de capacidade estruturante de regeneração, quase imortal. Discutir racismo e inseri-lo como temáticas em espaços de formação implica fazer uma análise dessa estrutura, dos conceitos, dos seculares privilégios brancos e da necessidade de ações afirmativas; faz-se necessário revisitar a literatura, a história, ressignificar as representações históricas. Nos últimos anos, percebe-se um incremento na autodeclaração de pretos e pardos, contudo os diferenciais entre negros e brancos permanecem. O Índice desagregado aponta diferenças no IDHM, Educação, Longevidade e Renda com desvantagens que incidem sobre a população negra.

No âmbito da saúde, estudos revelam a discriminação e uma prevalência maior de morbimortalidade em praticamente todos os indicadores, principalmente para as causas mais violentas. Diferenciais que se evidenciam também na política, na segurança pública. Logo, a hidra é permeável e consegue penetrar em todos os campos da vida social. Por fim, urge pensar as saídas para o combate ao racismo no Brasil e a universidade precisa assumir essa responsabilidade. O Núcleo Interdisciplinar sobre Desigualdades em Saúde (NUDES/UEFS) tem desenvolvido projetos de pesquisa e extensão voltados às desigualdades em saúde e fortalecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Nessa perspectiva, registra-se o projeto multicêntrico em vigência, aprovado pelo CNPq, intitulado "Avaliação da atenção à



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



saúde da população negra e a intersecção do racismo sobre as práticas de cuidado em estados do nordeste e do sudeste brasileiro" - uma das formas de enfrentamento e de proporcionar visibilidade à questão.

DISCUSSÕES DA PLATEIA

“O assunto da exclusão da população negra no Brasil dos privilégios socioeconômicos mereceu um debate mais profundo. A marginalização de pessoas de raça negra é visível em todos os aspectos políticos, sociais, educação (ensino superior só nas universidades da Bahia é que é possível encontrar 85% de estudantes negros e pardos com graduação). No contexto cultural da saúde como um direito, os pacientes tinham atendimento preferencial em função da cor da pele. As mulheres negras, por exemplo, sentem a necessidade em usar cabelos de mulher branca ou perucas. A mulher negra tem vantagens em relação a branca em relação ao envelhecimento. A exclusão racial continua visível na África do Sul e nos Estados Unidos. Durante os debates foi recomendado que os negros brasileiros saíssem do discurso de vítimas, e vissem a situação como uma questão política de concorrência aos recursos naturais e financeiros.”

[Bloco de perguntas]

[Inês]

Boa tarde, me impressionou bastante todas as apresentações, foram interessantíssimas, mas uma me chamou atenção, foi a apresentação de Ionara.

Tem sido recorrente, falar sobre o racismo no Brasil, racismo na África do Sul, nos Estados unidos da América, mas eu penso também que tem uma parte que vocês



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



também não conhece, no continente africano nós não falamos necessariamente do racismo, mas ao problema de grupos étnicos e a supremacia em relação a outra e eu penso que o que acontece lá do outro lado é a outra forma, aqui no Brasil exatamente aquilo que vocês chamam de racismo, tudo isso não passa do que aquela concorrência que os seres humanos tem, a luta pelos recursos naturais, quem que vai dominar os recursos? Quem vai determinar sobre os recursos naturais?

Na verdade, é isso na essência que tá acontecendo, eu penso que você já deve ter vistos os genocídios que acontecem no continente africano não necessariamente por razões ráticas, mas por causa da supremacia de uma etnia em relação a outra, por coincidência essa é terceira ou quarta vez que venho no Brasil, em diferentes cidades e sempre nessa altura que estão a celebrar a consciência negra, então todos os lugares onde eu já estive que as vezes não questiona de fato, será que a luta dos negros se resume nestas lamentações? Não haveria outro tipo de ações desses seres, porque na verdade para mim, em função da experiência 16 que eu trago do outro lado, é quem controla os recursos, a quem pertence os recursos, esse é o comentário que eu faço a esse discurso de negros e brancos. Agora, também apresentou dados estatísticos sobre homicídios, número de homicídios é mais elevada na população de raça negra, a pergunta que eu faço é quem que mata esses negros? Mas ao mesmo tempo apresentam que nas cadeias são negros que estão lá.

Então em algum momento não consigo separar, quem mata os negros são esses negros que se encontram nas cadeias, então é isso, do outro lado na África de fato, não tem nada a ver com a cor da pele, mas tem a ver com a etnia que sempre falam, um grupo é superior ao outro, somos todos da mesma pigmentação, então esse é um desafio também que nasce, que deve-se olhar também para o outro lado, na África.”



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



[Ionara]

“Muito pertinente as suas considerações, na verdade a gente tem realmente como você havia colocado né? faces do racismo, ele tem vários formatos, vários jeitos, vários trejeitos. e você coloca que a gente vive o racismo porque realmente, cotidianamente para gente é o da cor né? Mas as discussões também são étnicas. A medida que a gente tem por exemplo a raça indígena por exemplo, incorporada nessas colocações que a gente tem, e antes a gente não tinha, era só a questão da cor e agora são as questões étnicas raciais, e a gente tem grandes embates considerando todos esses elementos que você colocou ai, e é uma natureza diferente, ou seja, uma forma diferente, então a própria ideia do racismo ela é ideológica, então é ideologia.

E você coloca inicialmente a questão o muro das lamentações e eu também cheguei a essas conclusões, de você estar dizendo: "olha, a gente morre mais" porque a repetição desse discurso não vai provocar no branco a sensibilidade nem a coisa do tipo: “Não vai me afetar, não vai provocar em mim a sensação de que tem que parar tem que acabar com o genocídio”, sabe? Porque vai soar como vitimismo, vai ficar parecido mesmo que estamos no mundo das lamentações, "tenha dó porque sou mulher preta, porque sou homem preto." E é um discurso que o branco utiliza também para contradizer os nossos sofrimentos, as nossas dores, eu não estou de forma nenhuma aniquilando isso, mas é que realmente tem essa conotação, mas dentro dessas discussões, a gente pensar quem é o branco? O branco é a pessoa de pele clara? É disso que eu estou falando! O preto ele pode ser branco? A pessoa de pele preta ela pode ser branca? Então do que efetivamente a gente está falando?

A gente não está falando somente cor de pele não, a gente está falando de uma coisa que vai muito além disso, estamos falando de ideologia. E é a ideologia que não se cura, e quando você pergunta, “mas como assim”? as estatísticas, e os negros? e as penitenciárias? lá estão os negros, então quem mata esses negros? O racismo; porque



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



como eu falei inicialmente, é o racismo que faz com que o branco se sinta superior, empoderado, numa supremacia “x”, e é esse mesmo racismo que faz com que esse branco coloque na cabeça desse negro que ele é melhor e que eu preciso arejar e detestar todos os outros negros: eu detesto meus pais, detesto os negros, eu detesto a minha cor, e por isso eu me nego, por isso eu nego minha cor, e por isso que eu me nego. Então certamente lá nas penitenciárias com as chaves das prisões podem ter negros e são eles que batem em outros negros, são eles que botam os negros nos camburões, negros fazendo isso com outros negros que não pode, mas a ideologia faz isso.”

[Inês]

“Só queria acrescentar um único aspecto, gostei da sua resposta, essa questão da pigmentação, para sua informação os moçambicanos antes da independência na África do Sul eram chamados de Black portuguese, quer dizer era os portugueses pretos. Eu para ser Black portuguese, eu tinha que viver como White portuguese, q que significa? Não falar a minha língua nacional; Moçambique, a língua oficial agora é a língua portuguesa; mas antes do português nós temos nossas línguas, línguas nacionais. Então se eu não falasse as línguas nacionais, se eu professasse a religião católica, se eu não andasse de chinelos, obrigada ao Brasil que mostrou que o chinelos podem ser usados fora da casa do banho, os portugueses diziam que não: que quem usava os chinelos fora da casa do banho eram selvagens. O chinelo é apenas para o quarto e para a casa do banho. Então foi o Brasil que me ensinou que eu posso usar o chinelo na rua, usar talheres, garfos e facas. A gente foi ensinado que para sermos gente, nós tínhamos que usar garfos e facas. E é muito difícil, por exemplo, usar os dedos para comer arroz ou mesmo frango: A gente usa garfo e facas. Mas outros povos, aqueles que são chamados de selvagens, eles usam os dedos.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Outra coisa, eu precisava ter um padrinho, que testemunhasse que de fato aquela é Black portuguesa, porque vive num meio com todas essas características. Então essa é a realidade que nós vivíamos e é esse grupo de gente que é de uma outra categoria, que era os assimilados, os assimilados a cultura portuguesa. Outro aspecto, não dormir no chão, na esteira; se dormisse na esteira era selvagem. Tinha que dormir na cama, comer na mesa, não podia comer no chão; mas nós somos mais ligados a terra, por isso é que nós nos sentamos no chão, dormimos na esteira. Mas como queríamos ser portuguesas a gente tínhamos que aniquilar todas as nossas formas. Por tanto eu era assim, apesar dessa cor, eu era vista como White portuguesa, justamente porque eu assimilava todas essas formas de viver dos portugueses.”

[Ionara]

“Só um *complementozinho*: infelizmente eu não tive a oportunidade de chegar em Moçambique, mas uma coisa que eu achei muito impressionante lá na África do Sul, é com relação às mulheres. Porque por mais que a gente diga que existe duas ou mais do tipo, as mulheres negras com as cabeças raspadas, usando perucas, é muito comum. Eu fiquei chocada! Então raramente você encontra as negras com o cabelo Black, porque um cabelo naturalmente assumido é libertador; não sei se todo mundo já passou por isso, mas lá as mulheres negras, elas usam perucas mesmo: branquinhas, alisadas com cabelo. Mas é muito comum. Além da ideia da gente ter, preservar a própria tradição, cultura a linguagem, a língua específica, o inglês é muito predominante.

Eu fiquei muito chocada com isso; lá em Johannesburgo especialmente, os carros são super carros, então você vê um Fox; você não vai encontrar um celtinha de jeito nenhum. A gente chamava Uber, mas o Uber era Toyota Collora, a gente passeava assim, era até limusine, preços baratinhos, não sei quantos Hends e Talz. E a gente circulava nesses carros, a coisa da mobilidade, a gente via muitas mulheres dirigindo



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



esses carrões; muito comum também, só que existe uma coisa que falaram desses processos empoderacionista, quer dizer, essas pessoas elas se empoderaram, mas elas esqueceram de olhar para trás: quem ficou lá? Quem não conseguiu essa mobilidade? Esqueceram os seus, ou seja, assimilaram a vida do branco, o comportamento do branco, o jeito do branco, a coisa do branco. Então um prejuízo muito grande, então essas nações são muito sectarizadas, esse *apartheid* ele existe efetivamente, mas existem algumas coisas que definitivamente eles conseguem ainda incorporar, e a gente não consegue resistir e não consegue fazer a contra partida, muita coisa emblemática entre essas duas nações.”

[Inês]

“Só para terminar, eles inventaram um creme se chama “Ambi”, e “Ambi” significa África mais “bigute”, e bigute é Black, ou seja nós tínhamos que mudar a cor, em vez de ficar escuro, então usávamos isso, resultado cabelos de véu da raça negra, isso aconteceu, essa outra parte.”